



Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers
Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.
Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
TEXTOS EM HOMENAGEM	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.) FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	317
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	341
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	359
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa ELISA DE SOUSA	387
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal ANA MARGARIDA ARRUDA	403
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira AMILCAR GUERRA	425
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977 CATARINA VIEGAS	439
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha RUI M. S. CENTENO	467
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	481
À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA	489
Victor S. Gonçalves (1946-). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album Fotobiografia	549 558
LIVRO DE CUMPRIMENTOS	619
ÚLTIMA PÁGINA	623

A TORRE DE HÉRCULES E AS EMISSÕES MONETÁRIAS DE D. FERNANDO I DE PORTUGAL NA CORUNHA

RUI M. S. CENTENO¹

RESUMO

Estudo dos raros meio-torneses de D. Fernando I de Portugal, cunhados na Corunha com a representação no reverso do farol romano conservado nesta cidade galega. Com base no estudo destas moedas propõe-se uma ordenação cronológica de todas as emissões realizadas pelo rei português na Corunha.

ABSTRACT

Study of the rares half-torneses of King Ferdinand I of Portugal, minted in La Coruña with representation in reverse of the Roman lighthouse preserved in this Galician town. Based on the study of these coins it is proposed a new arrangement of all issues made by the Portuguese king in La Coruña.

AO EFETUAR UMA ANÁLISE DETALHADA das moedas constantes no catálogo n.º 103, editado pela Numisma Leilões e referente à venda em leilão da segunda parte da extraordinária coleção de moedas portuguesas de Joaquim Fontes Pacheco, para preparar uma notícia sobre a relevância deste evento numismático que decorreu em Lisboa nos dias 12 e 13 de outubro de 2015, o lote n.º 65 despertou a nossa atenção pelas razões que a seguir se explanam.

Trata-se de um «meio tornês atípico», raríssimo e muito bem conservado, com uma curiosa «torre» no reverso, representada com algum pormenor, mostrando que foi edificada em cuidadas fiadas de silhares. A atribuição desta peça à **casa da moeda da Corunha**, confirmou a impressão inicial de se tratar de um edifício romano do século II (Bello, 1991, p. 167), e que, assim, se poderia identificar com a Torre de Hércules, o famoso farol romano existente nesta cidade galega.

¹ Universidade do Porto – Faculdade de Letras e CITCEM.
rcenteno@me.com

Um rápido aprofundamento no estudo² destes numismas permitiu verificar que nos catálogos de moedas portuguesas, sejam obras gerais (Aragão, 1875, p. 185, n.º 47; Reis, 1956, p. 33, n.º 33, 39, n.º 78, p. 41, n.º 90; Reis, 1964, p. 36, n.º 33, 38, n.º 78 e 90; Gomes, 2013, p. 94, Fe 53.01 e 54.01), dedicadas ao período medieval (Vaz, 1960, p. 433, n.º 50 e 51) ou monografias, como é o caso no modelar estudo de de Mário Gomes Marques sobre a numária de D. Fernando (Marques, 1978, p. 109-110), o tipo de reverso é sempre referido como «torre», sem qualquer outro pormenor descritivo ou identificativo do monumento representado. Com a exceção de Aragão que viu publicado o primeiro volume da sua obra em 1875, não se entende o silêncio por parte dos outros estudiosos sobre a identificação da «torre» com o farol romano da Corunha, uma vez que tal reconhecimento já havia sido realizado, no segundo quartel do século xx, pelo investigador galego César Vaamonde Lores (1936, p. 258-263). Aliás, a omissão deste aspeto por Batalha Reis é um tanto estranha, depois Luis Pinto Garcia em carta dirigida àquele autor, baseando-se no trabalho de Vaamonde Lores, reafirmar, contra Batalha Reis, a identificação da «torre» com o farol romano da Corunha, defendendo por consequência que todos os meios torneses que ostentam tal tipo foram cunhados nesta cidade (Garcia, 1954, p. 14-15), argumentos que Batalha Reis reconheceu em carta-resposta a Pinto Garcia publicada em conjunto com a deste autor (Garcia, 1954, p. 17-18).

A identificação da «torre» com o farol da Corunha é inquestionável. Apesar da pequena dimensão do tipo monetário em apreço, a presença de alguns pormenores construtivos (*v.g.*, as fiadas bem visíveis em *opus quadratum*) e o seu desenho (*v.g.*, a entrada sobrelevada, a representação da parte superior onde se encontrava a fonte de iluminação, de menor largura que o resto a torre) permitem a sua clara identificação com o farol de Brigantium que, com o passar dos séculos, se havia transformado em um elemento identificativo, ou seja, um símbolo iconográfico da própria cidade. Só assim se explica a sua figuração nestas moedas fernandinas, significando um ato de soberania do rei português sobre a cidade. Deste modo, não é passível de contestação a atribuição à Corunha de todas as emissões de meios-torneses de D. Fernando que ostentam este tipo no reverso.

Mas o tipo monetário com a Torre de Hércules é ainda da maior importância pela raridade da representação iconográfica do farol romano em período tão recuado. Aliás, tratar-se-á da segunda representação iconográfica mais antiga do farol corunhês, a seguir ao desenho que aparece no códice com o mapa-mundi do Beato do Burgo de Osma, datado de 1086, mas com a vantagem do desenho do tipo monetário fernandino apresentar o monumento de forma bem mais detalhada, em época bem anterior ao seu restauro em 1791³ e, naturalmente, a diversas intervenções de reparação e manutenção que sofreu durante os mais de quatrocentos anos que separam os dois acontecimentos.

No esquemático desenho do códice de Burgo de Osma o farol é representado como uma torre, onde se observa uma porta de dimensões exageradas (cerca de 1/3 da altura total do edifício), rematada por uma cúpula com um óculo na parte superior (Fig. 1). Ao contrário, a figura apresentada nas moedas corunhesas de D. Fernando apresenta diversos pormenores que permitem constatar que a estrutura aparentava estar então bem conservada, mantendo praticamente o aspeto que teria quando da sua utilização em época romana; é perfeitamente visível que as paredes que delimita-

² A realização deste trabalho muito beneficiou da disponibilização de informações e de fotografias das moedas aqui estudadas por parte de colegas e entidades. Um agradecimento especial é dirigido ao incansável Dr. Javier Salgado pela cedência de fotos e informações sobre algumas das peças, à Câmara Municipal de Barcelos, na pessoa do Dr. Cláudio Brochado de Almeida, ao Banco de Portugal, e aos meus amigos e colegas da Faculdade de Letras da UP, Professores Carlos Alberto Brochado de Almeida, José Augusto Pizarro e Mário Jorge Barroca.

³ O estudo fundamental sobre este monumento romano deve-se a Siegfried Hutter (1973); para informação mais acessível sobre a sua história e arquitetura, veja-se Hutter e Hauschild, 1991, onde se recolhem versões em castelhano de dois trabalhos destes autores, originalmente publicados em alemão (Hutter, 1973; Hauschild, 1976). Sobre a rede de faróis romanos na fachada atlântica e a sua importância para as rotas marítimas, entre outros trabalhos sobre este tema, *vide* Fernández Ochoa e Morillo (2010).

vam o edifício, assentando em uma espécie de pódio que também poderá ser uma representação simplificada das saliências – reforços(?) – existentes nas esquinas da torre, junto ao solo, que figuram no desenho do Padre Flórez, de 1685 (Hutter e Hauschild, 1991, Lám. 24), eram construídas em *opus quadratum* e seriam externamente lisas e não escalonadas, como se sugere em algumas reconstruções hipotéticas (Hutter e Hauschild, 1991, Fig. 15.b; San Claudio Santa Cruz, 2003, p. 129, figura); a existência de uma rampa externa para acesso até à parte superior do farol aventada em diversas rescontituições do monumento (Hutter e Hauschild, 1991, Lám. 26 e Plano 14) também deverá ser descartada; o facto de não estarem representadas quaisquer janelas, poderá sugerir que, proporcionalmente, não seriam de grande dimensão, um pouco à semelhança do esboço reconstitutivo publicado por Hauschild (Hutter e Hauschild, 1991, Fig. 17); uma grande porta elevada, configura a existência de uma estrutura de acesso em pedra ou madeira, talvez já inexistente na época; o desenho da plataforma superior sugere a existência uma estrutura circular coberta por uma cúpula que teria pelo menos um janelão rematado em arco, certamente no alinhamento do eixo de iluminação necessário à navegação; como era neste espaço que se produzia o fogo de iluminação, a cúpula teria um óculo superior para a libertação de gases e fumos, que parece estar delineado no desenho do códice de Burgo de Osma. Finalmente, uma observação para um pormenor do desenho representado na moeda da coleção Fontes Pacheco (Fig. 2), onde se observa na plataforma superior, do lado esquerdo, o que parece ser uma construção em *opus quadratum* que, seguindo o alinhamento externo da parte inferior do farol, encosta à estrutura com cúpula; como tal construção não é visível em qualquer dos outros desenhos representados nos restantes exemplares inventariados, poderá tratar-se de uma imprecisão do gravador do cunho mas também poderá interpretar-se, por exemplo, como estruturas anexas (posteriores à construção do farol?) do compartimento de iluminação que também se vislumbram em alguns desenhos do farol da autoria de Flórez e Bicaude, anteriores ao já citado restauro do final do século XVIII (Hutter e Hauschild, 1991, Lám. 24 e Fig. 20).

Parecendo irrefutável que a «torre» presente nestes meios torneses fernandinos é a Torre de Hércules, símbolo da povoação corunhesa, só pode concluir-se que todas as peças com este tipo foram indubitavelmente batidas na Corunha, uma vez que era pouco provável que qualquer povoação utilizasse como tipo monetário um monumento-símbolo de outra vila ou cidade na cunhagem de moeda própria.

À semelhança da generalidade das emissões monetárias fernandinas lavradas fora de Portugal, o muito escasso número de meio torneses com «torre» no reverso que chegou até aos nossos dias,⁴ resultará sobretudo da desmonetização do numerário produzido por D. Fernando no exterior, estipulado no art.º 34.º das Cortes de Lisboa, ante 8 de agosto de 1770 (Marques e Cabral, 1980, p. 101, nota 6; Tavares, 1982, p. 20, nota 64, e p. 21) e da sua erradicação dos territórios ocupados pelo rei português, após o seu controlo por Henrique de Trastâmara, na sequência do tratado de Alcóitim, em março de 1371 (Tavares, 1982, p. 19-21), e seguramente com o final da segunda guerra com Castela em 1373.⁵



FIG. 1. Códice do Burgo de Osma.

⁴ Para a raridade destas emissões não servirá de argumento a possibilidade de uma produção muito modesta de numerário nestas casas da moeda da Galiza e Castela, uma vez que, por exemplo, a quantidade de barbudas cunhadas foi similar na Corunha e no Porto (Marques, Costa e Sampaio, 1983, p. 80)

⁵ Sobre o fim da guerra e a pacificação da Galiza, veja-se Gomes, 2005, p. 104-107.

Foi possível inventariar apenas 8 exemplares que se podem dividir em duas séries, como segue:

SÉRIE 1

Descrição dos tipos

Anv.) Escudo das quinas (por norma com a representação dos 5 besantes) com as duas laterais colocadas na horizontal, lanceolado e com o bordo superior curvilíneo, encimado por Q; a legenda entre duas gráficas de pontos limita o campo.

Rev.) Farol romano de Brigantium, representado como uma estrutura construída em silharia, assente em basamento, e com uma porta elevada do solo; a plataforma superior é rematada por uma construção em cúpula, com uma abertura lateral para a sinalização luminosa à navegação; no campo, à esquerda e à direita do farol, em duas linhas, F-E / R-A; a legenda entre duas gráficas de pontos limita o campo.

LEGENDAS⁶

EXEMPLAR 1 (Fig. 2)

Col. Fontes Pacheco (Numisma 103, lote 65, com fotografia), ex-Col. F. C. Guedes Santarém, ex-Col. Niepoort; reproduzido em Marques, 1978, Est. 8.13/14 e Gomes, 2013, p. 94, 54.01.

Peso: 1,71g. Ø 20 mm.

Anv.) *FERANDVS (sic)*REX*PORT

Rev.) *SI DONINVS (sic)*MICHI*AIV



FIG. 2. Foto Javier Salgado. Ampl. c. 3x.

⁶ Note-se que as transcrições das legendas foram feitas a partir de fotografias e não da observação direta das moedas aqui analisadas, situação agravada pelo deficiente estado de conservação de uma boa parte delas, o que poderá ter originado algumas imprecisões e/ou omissões da exclusiva responsabilidade do autor deste estudo.

EXEMPLAR 2 (Fig. 3)

Col. Novo Banco, ex-Banco Espírito Santo (Salgado e Miranda, 2008, p. 47, sem foto),
ex-Col. Carlos Marques da Costa; reproduzido em Reis, 1956, Est. 9.33. Ø 19 mm.

Anv.) *FERNANDVS*REX[*Port?]

Rev.) *SI DOMINVS*MIC[hi*aiv?]



FIG. 3. Foto Javier Salgado. Ampl. c. 3x.

EXEMPLAR 3 (Fig. 4)

Corunha (escavações arqueológicas realizadas na cidade em 2006; fotografia da moeda
publicada, mas com deficiente classificação, por Gianini, 2008). Ø c. 19 mm.

Anv.) *FERNANDVS*REX*PORT

Rev.) *SI DOMINVS*MICHI*[aiv?]



FIG. 4. Foto Gianini 2008. Ampl. c. 3x.

EXEMPLAR 4 (Figs. 5a e 5b)⁷

Castelo de Faria (trabalhos arqueológicos, *ante* 1949), Col. da Câmara Municipal de Barcelos, Inv. INCMB-23 ; publicado com fotografia por Reis, 1949, p. 29 e Est. VIII.9; também reproduzido em Reis, 1956, Est. 14.90; referenciado por Vaz, 1960, p. 433, Fe.51. Peso: 0,50g (fragm.). Ø 19 mm.

Anv.) *FERNAND[vs*r]EX*PORT

Rev.) *SI DOMINVS*M[ichi*aiv?]

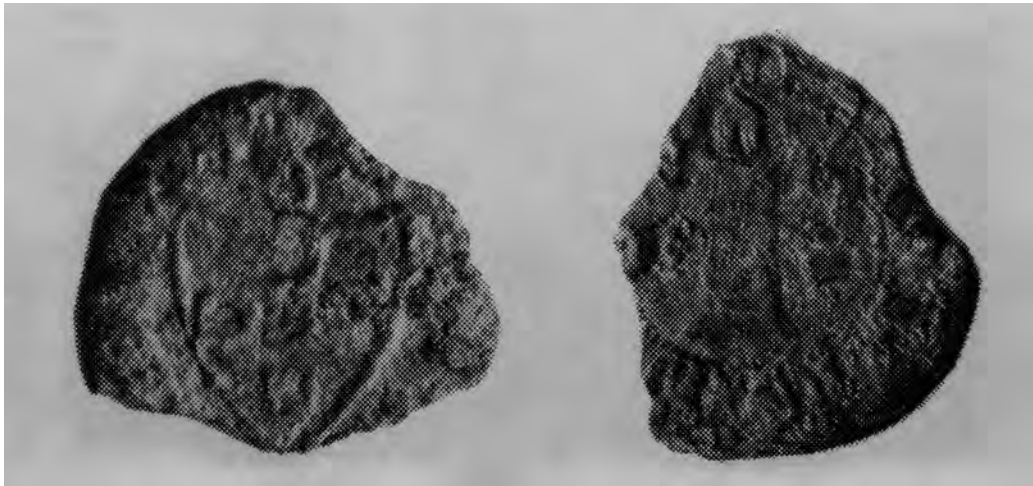


FIG. 5a. Foto Reis 1956. Ampl. c. 3x.



FIG. 5b. Foto Câmara Municipal de Barcelos. Ampl. c. 3x.

⁷ Como este exemplar do Castelo de Faria perdeu partes significativas da sua superfície entre 1949, ano da sua publicação por Batalha Reis e os nossos dias reproduz-se aqui a Fig 5a, de Batalha Reis, e a Fig 5b, gentilmente fornecida pela Câmara Municipal de Barcelos. Assim, para a leitura das legendas socorremo-nos fundamentalmente da foto de Batalha Reis, uma vez que este Autor uma leitura incompleta e mesmo errada das mesmas (cf. Reis, 1956, p. 41, n.º 90).

EXEMPLAR 5 (Fig. 6)

Ex-Col. Paulo de Lemos (Numisma 37, lote 89 com fotografia), ex-Col. Correia da Silva; reproduzido em Vaz, 1960, Est. 26.51 e Marques, 1978, Ests. 24.23 e 25.27. Peso: 1,73g. Ø 20 mm.

Anv.) *FERNANDVS : REX:PORT

Rev.) *SI DOMINVS : MICHI : AIV



FIG. 6. Foto Javier Salgado. Ampl. c. 3x.

SÉRIE 2**Descrição dos tipos**

Anv.) Escudo das quinas sem besantes e de menores dimensões que as da série 1, com as duas laterais colocadas na horizontal, lanceolado e com o bordo superior curvilíneo; a legenda entre duas gráfilas de pontos limita o campo.

Rev.) Farol romano de Brigantium representado de modo similar ao da série 1 mas com proporções que lhe conferem um aspeto mais atarracado; no campo, à esquerda e à direita do farol, em uma linha, CR-V; a legenda entre duas gráfilas de pontos limita o campo.

LEGENDAS**EXEMPLAR 6** (Fig. 7)

Col. Banco de Portugal, ex-Col. António Marrocos (Numisart, 1995, lote 33, com fotografia), ex-Col. Ferreira Braga (Braga, 1921-22, p. 106 e desenho na Est. 2.14), ex-Col. Mendonça Bonicho (desenho então publicado por Aragão, 1966, Est. 6.47); reproduzido em Vaamonde Lores, 1936, p. 263; Vaz, 1960, Est. 26.50 e Marques, 1978, Est. 8.15/16. Peso: 0,75g. Ø 18 mm.

Anv.) *FERNANDVS : REX:PORT

Rev.) *SI:DNS:MICHI:AIVT



FIG. 7. Foto Coleção Banco de Portugal. Ampl. c. 3x.

EXEMPLAR 7 (Fig. 8)

Col. não identificada; única reprodução conhecida em Gomes, 2013, p. 94, 53-01. Ø 20 mm.

Anv.) $\text{FERNANDVS} : \text{REX} : \text{POR} :$

Rev.) $\text{SI} : \text{DNS} : \text{MICHI} : \text{AIVTOR}$



FIG. 8. Foto Gomes 2008. Ampl. c. 3x.

EXEMPLAR 8 (Fig. 9)

Col. Novo Banco, ex-Banco Espírito Santo (Salgado e Miranda, 2008, p. 47, sem foto), ex-Col. Carlos Marques da Costa (adquirido em Numisma 19, lote 20, sem fotografia), ex-Col. Guinle (Reis, 1948, Est. 2.19); também reproduzido em Reis, 1956, Est. 13.78. Peso 1,20g. Ø 19 mm.

Anv.) $\text{FERNANDVS} : \text{REX} : \text{PORT}$

Rev.) $\text{SI} \cdot \text{DNS} \cdot \text{MICHI} \cdot \text{AI}[\text{vt}] \text{OR} \cdot [\text{no}] \text{N} \cdot \text{T}$



FIG. 9. Foto Javier Salgado. Ampl. c. 3x.

Pelas razões anteriormente aduzidas que se prendem com a reprodução da Torre de Hércules, símbolo da cidade de Brigantium/Corunha, nestes meios torneses muito dificilmente se poderá atribuir a sua produção a outra casa da moeda que não a corunhesa. Sendo decisivo este argumento, a dificuldade encontrada por alguns numismatas em aceitar a marca Q, presente nos anversos da série 1, como a inicial de Quruña, preferindo interpretar a referida consoante como a inicial de Qória ou Quiroga,⁸ não tem qualquer fundamento (p. ex., Reis, 1949, p. 29-31; Reis, 1952, p. 296, nota 1; Marques, Costa e Sampaio, 1983, p. 73-75). Note-se que, desde a sua fundação por Afonso X na segunda metade do século XIII, o símbolo tradicional da casa da moeda corunhesa era a vieira como se pode observar nas suas produções até a D. Fernando (veja-se, p. ex., Paz Bernardo, 2002, p. 58-87) e, por esta razão, quando se pretendeu arranjar um novo símbolo para as primeiras emissões fernandinas, foi escolhido o Q como inicial de Corunha, facto que não deverá interpretar-se como um erro no século XIV, sendo até compreensível nesses tempos em que língua na sua forma oral e escrita estaria pouco fixada, registando-se variações na escrita e oralidade sobretudo em círculos menos instruídos. Por último, **para além da presença da Torre de Hércules nos reversos, parece evidente uma continuidade entre as duas séries aqui analisadas, por exemplo, no desenho do escudo do anverso com o bordo superior curvilineo, característico das emissões corunhesas, e nas fórmulas das legendas adotadas para o anverso e reverso, reforçando a proveniência de uma mesma oficina monetária.**

A cronologia destas emissões monetárias é uma outra questão relevante, destacando-se Gomes Marques como um dos autores que mais aprofundou este assunto, tendo sugerido que «tiveram lugar em época indeterminada entre Junho de 1369 e Maio de 1372» (Marques, 1978, p. 221). Anos mais tarde, fundamentando-se na evolução do valor relativo entre o ouro e a prata, o mesmo autor avança com a possibilidade dos primeiros torneses e meios torneses aparecerem «durante o último trimestre de 1369 e os primeiros meses do ano seguinte», proposta que tem em consideração os diversos acontecimentos relacionados com a campanha de D. Fernando na Galiza (Marques e Cabral, 1980, p. 103). Maria José Ferro Tavares sugere que a amoedação de guerra arranca com emissões de torneses de cruz, em abril-maio de 1369, seguida pela produção de torneses de busto e barbudas, tal-

⁸ Em 1976, Gomes Marques, invocando uma pretensa identidade estilística, avançou com a hipótese destas moedas serem cunhadas em Samora, alertando para a possibilidade da marca monetária Q resultar de uma confusão (!) por parte do abridor de cunhos com o Ç(amora) (Marques, 1976, p. 15), posição que manteve na monografia sobre a numária de D. Fernando (Marques, 1978, p. 107-109).

vez em julho-agosto do mesmo ano, terminando a cunhagem de moeda de D. Fernando, na Galiza e em Castela, com o tratado de Alcoutim (Tavares, 1982, p. 18-19).

Na verdade, diversos aspetos da presença e da ação de D. Fernando na Galiza poderão trazer alguma luz sobre a possível cronologia das emissões monetárias realizadas na Corunha. A crónica de D. Fernando, redigida por Fernão Lopes, é uma fonte primordial utilizada pelos estudiosos que têm abordado o diferendo e os confrontos entre Henrique II de Trastâmara e o monarca português mas, para este trabalho, apenas interessarão alguns detalhes da guerra de 1369-71.

Diz Fernão Lopes que, em junho de 1369, D. Fernando inicia a sua campanha por terra à frente do seu exército, acompanhado por numerosos nobres galegos que o apoiavam, como Fernando de Castro (conde de Trastâmara), Álvaro Pérez de Castro (senhor de Salvaterra) e Nuno Freire de Andrade (mestre da Ordem de Cristo), informando também que, durante esta incursão no território galego, várias povoações aderiram à sua causa (Lopes, 1895, p. 84-86); entretanto, por mar seguiu uma pequena frota de oito galés que fundearam no porto da Corunha (Gomes, 2005, p. 75). Como bem relata Fernão Lopes (1895, p. 96-98), o rei português terá chegado por meados de junho à Corunha onde é recebido festivamente pela população, tomando posse desta praça das mãos do corunhês Xoán Fernández Andeiro. D. Fernando terá optado por se estabelecer na Corunha devido às excelentes fortificações da praça (González Garcés, 2008, p. 296) e certamente porque também tinha, em caso de necessidade, a retaguarda segura pelas galés ancoradas no porto corunhês, tendo aqui permanecido até aos finais de julho quando, ameaçado por uma poderosa hoste de Henrique II que a 23 de julho já se encontrava em Santiago de Compostela (López Carreira, 1998, p. 184), embarcou em direção ao Porto, confiando praça ao mestre da Ordem de Cristo, Nuno Freire de Andrade, que passou a comandar uma guarnição de 400 homens a que se juntariam as forças corunhesas às ordens de Xoán Fernández Andeiro (González Garcés, 2008, p. 297). Apesar de, no tratado paz de Alcoutim (de março de 1371), se estipular a entrega da Corunha a Henrique II, é certo que esta praça, onde permaneciam tropas portuguesas, se manteve fiel à causa de D. Fernando até março 1373, quando foi assinado o tratado de paz de Santarém que marcou o final da intervenção portuguesa por terras galegas (González Garcés, 2008, p. 298; López Carreira, 1998, p. 185).

A incursão militar do rei português foi acompanhada por um conjunto de medidas de governo (López Carreira, 1998, p. 180-82), entre as quais nos interessa a decisão de emitir moeda em algumas povoações galegas, ato que afirmava a soberania de D. Fernando nos novos territórios (Gomes, 2005, p. 75). A este propósito, Fernão Lopes escreve que D. Fernando «[...] mandou fazer moeda de seus signaes, d'ouro e prata, e graves e barbudas, em alguns lugares que sua voz tomaram, assim como em Samora e na Coruña [...]» (Lopes, 1895, p. 92-93), notícia parcialmente confirmada pela existência de diversos numismas em bolhão oriundos das várias casas da moeda galaico-durienses, dado que não há qualquer registo de moeda em ouro e prata de D. Fernando cunhada fora de Portugal.

Quando foi tomada esta decisão? Ainda durante a presença de D. Fernando na Galiza ou após o seu regresso ao Porto em finais de julho de 1369? É possível que algumas das emissões tenham sido autorizadas aquando da passagem do rei português por algumas das povoações «que sua voz tomaram» mas, no caso da Corunha, é quase certo que as primeiras cunhagens de moeda ocorreram durante a permanência do rei nesta praça. A povoação estava dotada de uma importante casa da moeda, com mais de um século de existência, isto é, perfeitamente equipada e com o pessoal necessário ao seu normal funcionamento, sendo, por isso, credível que durante o curto período (junho-julho de 1369) em que D. Fernando aqui permaneceu, a «Moeda da Corunha» tivesse produzido as primeiras moedas em nome do monarca de Portugal que eram também uma marca da sua autoridade sobre esta praça galega e a sua região.

Os meios torneses da série 1 pertencerão ao período das cunhagens efetuadas ainda com a presença de D. Fernando na Corunha. A escolha um pouco surpreendente mas, como se referiu, perfei-

tamente aceitável da letra Q para Identificar a casa da moeda, substituindo a tradicional vieira, a presença das letras F-E/R-A de Fer(n)a(ndus), ladeando o farol como que simbolizando a posse da Torre de Hércules pelo rei português e as imprecisões na grafia das legendas que se observam no exemplar número 1, sugerem que este meio tornês talvez tenha saído dos primeiros cunhos utilizados nestas emissões, ainda com imperfeições, enquanto os exemplares 2 a 4 evidenciam já uma estabilidade nas legendas e tipos; o exemplar 5 denota uma alteração nos separadores das palavras que compunham as legendas, em que as «*» são substituídas por «:», fazendo a transição para as legendas da série 2.

Como se referiu na sua descrição, os exemplares da série 2 apresentam algumas alterações dos tipos, diminuindo também a qualidade dos desenhos representados; para a identificação da casa da moeda são escolhidas as letras CR-V(nia) colocadas à direita e esquerda do farol. As legendas também sofrem alterações com a utilização da forma abreviada «D(omi)N(v)S», criando espaço para a palavra «AIV(tor)» da série 1, evoluir para «AIVT», «AIVTOR» ou «AIVTOR NON T(imebo)»; os separadores normalmente presentes são os «:» mas na legenda do reverso do exemplar 8 passam a «•». Outra alteração significativa é a representação da «✠» colocada entre o fim e o início das legendas; esta presença da cruz de Cristo poderá ligar-se à **mudança operada no comando da praça da Corunha**, quando D. Fernando embarcou para o Porto em final de julho de 1369, que então foi confiado ao galego Nuno Freire de Andrade que, sendo mestre da Ordem de Cristo, poderá justificar a escolha do símbolo da ordem nas emissões monetárias já da sua responsabilidade. Desta forma, a cunhagem das moedas da série 2 serão posteriores a finais de julho, certamente batidas na sequência do desanuiamento da situação militar no norte da Galiza que ocorreu quando o exército do Trastâmara se dirige para o norte de Portugal, tendo atravessado o rio Minho durante o mês de agosto e, de seguida, atacado algumas cidades portuguesas, como Braga e Guimarães (Gomes, 2005, p. 76). Passados estes momentos de tensão, Nuno Freire de Andrade terá retomado a emissão de moeda que provavelmente ocorreu a partir do mês de setembro.

Partindo desta proposta de datação das duas séries de meios torneses é possível avançar com uma plausível ordenação das marcas da casa da moeda registadas na numária fernandina da Corunha, que se apresenta no quadro seguinte:

MARCA CM	TORNÊS	½ TORNÊS	BARBUDA	½ BARBUDA
Q	–	AG ⁹ 54.01	AG 49.01-04	AG 31.01
CR-V	–	AG 53.01	AG 48.01-07	AG 30.01-02
Farol ¹⁰	AG 78.01 ¹¹	AG 67.01	–	–
C-V ¹²	AG 73.01-02	AG 63-4.01	–	–

⁹ AG = Gomes, 2013.

¹⁰ Ferraro Vaz publica um tornês e um meio tornês com esta marca que aparenta reproduzir o farol da Corunha (Vaz, 1960, p. 436, n.º 53-54 e Est. XXVI.53-54; ver também Amaral, 1977, p. 179, n.º 361; p. 181, n.º 376), pertencentes ao Museu Numismático Português. O mesmo tornês é utilizado por Alberto Gomes no seu catálogo e atribuído à Corunha (AG 78.01) mas não considera o meio tornês, publicando outro com anverso diferente mas com o escudo típico da casa da moeda corunhesa, encimado pela marca do farol (Gomes, 2013, p. 67.01). Há diversos problemas de descrição e leitura de legendas na numária fernandina que poderão aclarar muito aspetos da ordenação e datação das diferentes emissões assunto que, obviamente, não cabe tratar aqui.

¹¹ Não se considera o tornês registado por Alberto Gomes com a marca no anverso, constituída por uma torre rodeada por muralha (?) e flanqueada por duas cruzetas (Gomes, 2013, p. 77.01), por se entender não ser trabalho da casa da moeda da Corunha, apresentando um escudo com o bordo superior retilíneo não registado em qualquer moeda seguramente atribuída a esta casa da moeda.

¹² Incluem-se aqui as variantes com C invertido – V e V-C, versões anómalas da marca C-V.

Com esta arrumação da numária de D. Fernando batida na Corunha, subentende-se que as diversas denominações com a mesma marca monetária foram cunhadas em datas muito próximas, obedecendo a programas de emissão de moeda previamente delineados. Assim, o primeiro conjunto de emissões (½ torneses, barbudas e ¼ barbudas) com a marca Q terá acontecido durante a permanência do rei de Portugal na praça galega, entre meados de junho e fins de julho de 1369; o segundo conjunto (com as mesmas denominações) é já posterior à ida do rei para o Porto, podendo ter ocorrido, como se disse atrás, a partir de setembro de 1369; o terceiro conjunto (só com torneses e ¼ torneses), em que a marca monetária escolhida, inspirada no tipo monetário patente nos reversos dos ½ torneses das primeiras emissões, é o farol corunhês, poderá datar já do ano de 1370; o derradeiro conjunto (também só com torneses e ¼ torneses) assinala o final das emissões corunhesas em nome de D. Fernando, que datarão ainda de 1370, não sendo credível uma data posterior ao tratado de paz de Alcoutim, assinado em março de 1371. Note-se finalmente que não deixa de ser curiosa a utilização, pela casa da moeda corunhesa, da última marca monetária fernandina (C-V), em versão coroadada, nos reais e cruzados de bolhão emitidos em nome de Henrique II, de certo, após o retorno da praça à posse deste monarca em 1373 (Paz Bernardo, 2002, p. 81, n.º 262; p. 84, n.º 267-68), podendo indiciar que o numerário de D. Fernando com esta marca teria uma cronologia bem posterior à atrás proposta.

Esta ordenação também contraria algumas propostas avançadas por alguns numismatas, particularmente por Mário Gomes Marques, grande estudioso da numária de D. Fernando: por exemplo, não parece confirmar-se a sugerida anterioridade dos torneses de busto relativamente aos de cruz ou escudo (Marques e Cabral, 1980, p. 103); também não se corrobora que os torneses e ¼ torneses tenham feito a sua aparição no último trimestre de 1369 e que as barbudas só surjam na primavera do ano seguinte (Marques e Cabral, 1980, p. 103), hipótese também refutada por Ferro Tavares (Tavares, 1982, p. 17-18). Estes e outros problemas sobre a amoedação no reinado de D. Fernando continuarão certamente em aberto, esperando-se que estas reflexões motivem novos estudos de que a Numismática de Portugal está tão carenciada.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, C. M. A. do (1977) – *Catálogo descritivo das moedas portuguesas – Museu Numismático Português*, Tomo I. Lisboa: INCM.
- Aragão, A. C. T. de (1875) – *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Bello, J. M. (1991) – La investigación sobre la Torre de Hércules, in: *Ciudad y Torre. Roma y la ilustración en A Coruña*. A Coruña: 165-170.
- Braga, F. (1921-22) – Numismática portuguesa, I. Moedas da primeira dinastia, *O Archeologo Português XXV*. Lisboa: 97-107.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo, A. (2010) – Roman Lighthouses on the Atlantic Coast. In Carreras, C.; Morais, R. (eds.) – *The Western Roman Atlantic Façade. A Study of the Economy and Trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate*, (BAR Int Series, 2162). Oxford: 109-115.
- Garcia, L. P. (1954) – Moedas da Corunha (Carta a propósito da «Raridades numismáticas» do Dr. Pedro Batalha Reis), *Nvmmvs* II. Porto: 13-18.
- Gianini (2008) – Breve apunte sobre una de las monedas más raras de la Hispania medieval: El medio tornés de Fernando I de Portugal (1367-1383), disponível no portal Celtiberia.net (<http://www.celtiberia.net/es/biblioteca/?id=3261>, consultado em 2016.01.15).
- Gomes, A. (2013) – *Moedas portuguesas e do território que é hoje Portugal. Catálogo das moedas cunhadas para o continente e ilhas adjacentes, para os territórios do ultramar e grão-mestres portugueses da Ordem de Malta* (6.ª ed.). Lisboa: Associação Numismática de Portugal.
- Gomes, R. C. (2005) – *D. Fernando* (Reis de Portugal, 9). Lisboa: Círculo de Leitores.
- González Garcés, M. (2008) – *Historia de La Coruña. Edad Media*. La Coruña: Fundación Caixa Galicia [Fac-símile da edição de 1987].

- Hauschild, Th. (1976) – Der römische Leuchtturm von La Coruña (Torre de Hércules), *Madriдер Mitteilungen*, 17. Madrid: 238-257 (= El faro romano de A Coruña (Torre de Hércules). Problemas de su reconstrucción, in: *Actas del Coloquio Internacional sobre el Bimilenario de Lugo*. Lugo 1977: 131-156).
- Hutter, S. (1973) – *Der römische Leuchtturm von La Coruña*, (Madriдер Beiträge, 3). Mainz (am Rhein): Zabern.
- Hutter, S.; Hauschild, Th. (1991) – *El faro romano de La Coruña*. La Coruña: Ediciós do Castro.
- Lopes, Fernão (1895) – *Chronica de El-Rei D. Fernando*, (Bibliotheca de Clássicos Portuguezes). Lisboa.
- López Carreira, A. (1998) – A intervención de Fernando I de Portugal en Galicia: unha alteración momentánea de fronteira, *Revista da Faculdade de Letras – História* II série, XV (Tomo I). Porto: 177-85.
- Marques, M. G. (1976) – O chamado quarto de barbuda e o problema das letras monetárias, *Nvmmvs* X, 3-4. Porto: 7-17.
- Marques, M. G. (1978) – *Moedas de D. Fernando*. Lisboa: ed. autor.
- Marques, M. G.; Cabral, J. M. P. (1980) – Cronologia da numária de Dom Fernando, *Nvmmvs*. 2.ª série, III. Porto: 97-109.
- Marques, M. G.; Costa, C. M.; Sampaio, J. L. (1983) – Emissões galaico-durienses das barbudas de D. Fernando de Portugal, *Gaceta Numismática* 70. Barcelona: 31-85.
- Numisart 1995 = *Monnaies du Portugal et des ses colonies*, Numisart, Vente, Genève 5 juin 1995.
- Numisma 19 = *Moedas raras, D. Fernando a D. Sebastião*, Numisma Leilões n.º 19, Lisboa 25 de novembro de 1993.
- Numisma 37 = *Colecção Paulo de Lemos e moedas de ouro de Portugal e Brasil*, Numisma Leilões n.º 37, Lisboa 11 e 12 de dezembro de 1998.
- Numisma 103 = *Importante coleção de moedas de Portugal, Angola e Índia, Colecção Algarve – Parte II*, Numisma Leilões n.º 103, Lisboa, 12 e 13 de outubro de 2015.
- Paz Bernardo, J. (2002) – *Moedas galegas: moedas – medallas – billetes. Especializado do século IX a.C. ó século XXI d.C.* Barcelona: Numismática J. Paz.
- Reis, P. B. (1948) – *Guia de uma notável coleção de moedas portuguesas*. Lisboa: ed. autor.
- Reis, P. B. (1949) – Raridades numismáticas achadas no histórico Castelo de Faria, *Boletim do Grupo Alcaides de Faria* Ano 2.º, n.º 2. Barcelos: 25-31 (reeditado em *A Permuta. Órgão Informativo da Sociedade Portuguesa de Numismática* 59. Porto: 29-34).
- Reis, P. B. (1952) – *Cartilha da numismática portuguesa*, vol. I. Lisboa: ed. autor.
- Reis, P. B. (1956) – *Cartilha da numismática portuguesa*, vol. II. Lisboa: ed. autor.
- Salgado, J. S.; Miranda, J. A. G. (2008) – *Colecção Banco Espírito Santo (Colecção Carlos Marques da Costa)*. Lisboa: Banco Espírito Santo.
- San Claudio Santa Cruz, M. (2003) – El puerto de *Brigantium* y la navegación romana el el Atlántico Norte, in: C. Fernández Ochoa (ed.) – *Gijón puerto romano. Navegación y comercio en el Cantábrico durante la Antigüedad*. Gijón: 121-133.
- Tavares, M. J. P. F. (1982) – Para o estudo da numária de D. Fernando, *Estudos Medievais*, 2. Porto: 3-32.
- Vaamonde Lores, C. (1936) – De monetaria gallega, *Boletín de la Real Academia Gallega*, Año XXI, n.º 262. Coruña: 249-64.
- Vaz, J. F. (1960) – *Numária medieval portuguesa, 1128-1383*, Tomo II. Lisboa: ed. autor.